



**Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia**

*CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS  
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL- EEDH*

**SUELLEN DA SILVA SANTOS**

**O DIREITO DA CRIANÇA À BRINCADEIRA DENTRO  
DO ESPAÇO ESCOLAR**

Brasília- DF  
2015

**SUELLEN DA SILVA SANTOS**

**O DIREITO DA CRIANÇA À BRINCADEIRA DENTRO  
DO ESPAÇO ESCOLAR**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília  
(UnB) como requisito para obtenção do grau de  
Especialista em Educação em e para os Direitos  
Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

Professor Orientador: Regina Pedroza

Brasília – DF

2015

Santos, Suellen da Silva.

O Direito da Criança à Brincadeira Dentro do Espaço Escolar. /  
Suellenda Silva Santos. – Brasília, 2015. Monografia (bacharelado) –  
Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia - EaD, 2015.  
Orientador: Prof. Regina Pedroza, Departamento de Psicologia.

Monografia(bacharelado) – Universidade de Brasília , Departamento de  
Psicologia – Ead , 2015.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> : Regina Pedrosa, Departamento de Psicologia.

1.Breve histórico sobre o surgimento dos Direitos Humanos e  
Direitos da Criança. 2. O conceito de infância. 3. A importância dos  
jogos e brincadeiras dentro do espaço escolar.

Dedico à minha mãe pelo apoio na realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus; a minha mãe pelos conselhos; a tutora Polianne Delomondez; a minha orientadora Regina Pedrosa, pelos esclarecimentos e direcionamentos e a todas as crianças que de uma forma simples e despretensiosa contribuíram para o meu crescimento profissional.

## RESUMO

O presente trabalho trata da importância em se respeitar o direito da criança a brincadeira dentro do espaço escolar. O campo de pesquisa foi uma escola classe localizada em uma cidade-satélite de Brasília, em que algumas crianças e adolescentes são atendidas para ficarem na escola em período integral. O objetivo foi compreender a importância da brincadeira e dos jogos para o desenvolvimento intelectual e social de crianças que são atendidas durante esse período. No decorrer do estudo foi realizada: uma discussão sobre o surgimento dos direitos humanos e dos direitos da criança; a origem do conceito de infância e suas implicações; a origem do Estatuto da Criança e do Adolescente e suas influências, e finalmente a importância da brincadeira dentro do espaço escolar. O método usado para atingir os objetivos propostos foi o qualitativo. Os resultados da pesquisa confirmaram que os jogos e brincadeiras, quando trabalhados no contexto escolar, favorecem o processo de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Foi constatado um crescimento significativo nos rendimentos escolares quando o direito a brincadeira foi, de fato, visto como algo importante.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Jogos. Brincadeira. Infância. Escola.

## SUMÁRIO

Problematização.....	8
Introdução.....	9
Objetivo da Pesquisa.....	15
Metodologia.....	16
Fundamentação Teórica.....	18
Ações Interventivas.....	24
Análise e Discussão do Processo de Intervenção.....	30
Considerações Finais.....	32
Referencias Bibliográficas.....	33

## PROBLEMATIZAÇÃO

Quais são as contribuições dadas a crianças que tem seu direito a brincadeira respeitada no espaço escolar?

## INTRODUÇÃO

Os direitos humanos surgem em 1948 no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) com objetivo de reconhecer e proporcionar direitos e oportunidades às pessoas que em um dado momento histórico ou social tiveram seus direitos usurpados por não serem reconhecidos seres humanos.

Nessa “consciência, um redutor localiza o humano num grau de identidade em que ” outro” não esta propriamente constituído. “Assim, como os chamados ”monstros” e “feras” que os “descobridores” das Américas, originados da Europa, registravam nos “bestiários” descritivos das novidades que os colonizadores do Novo Mundo anotavam nos diários de suas expedições” (JUNIOR e BICALHO 2015, p.05, Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos.)

Após a segunda guerra mundial os direitos humanos ganham destaque devido a sua internacionalização, houve a substituição da Liga das Nações pela ONU e com isso a necessidade de se formular uma aliança entre os Estados sobre a importância da proteção dos direitos humanos. Surge a Declaração dos Direitos Humanos que obrigava os Estados a assegurar os direitos à liberdade mínima para o exercício da dignidade do ser humano. A declaração abriu portas para que novos documentos fossem criados com o objetivo de proteger jurídica e politicamente as minorias e grupos como crianças e adolescentes.

No ano de 1993 em uma Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos consolida que:

...todos os direitos humanos são universais. Interdependentes e inter-relacionados. A comunidade internacional deve tratar os direitos humanos globalmente de forma justa e equitativa, em pé de igualdade e com a mesma ênfase (DECLARAÇÃO..., 1993, ART.5).

A criação dos direitos da criança teve sua formação marcada pela separação gradual dos direitos do homem e em seguida dos direitos da mulher. Sua doutrina surge nos séculos XII e XVII com a formulação do Homem e do cidadão. Foi fundada nos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e neste instrumento dos Direitos da Criança (1959).

Durante os anos 70 surgem movimentos sociais criados com o objetivo de democratizar o Brasil. Esses movimentos também tinham por objetivo, lutar pelos

direitos da criança e com isso incluí-los a Carta Magna Brasileira. Criança constituinte e Criança Prioridade Nacional foram campanhas que surgiram com o objetivo de assegurar os direitos da criança e do adolescente. A primeira criada por uma iniciativa do Ministério da Educação em 1986 que tinha por objetivo dar subsídios para a proposição que o Executivo faria à Assembleia Constituinte dando ênfase às propostas que eram relacionadas às crianças que se encontravam dentro da faixa etária de zero a seis anos de idade. A segunda campanha surgiu como uma tentativa de reverter um quadro de muitos debates. Essas assembleias de entidades da sociedade civil favoreceram em junho de 1987 a emenda popular -Criança Prioridade Nacional. Esta foi apresentada ao Congresso em abril desse mesmo ano com 250 mil assinaturas de eleitores e juntamente a isso foi entregue um abaixo-assinado com mais de um milhão de assinaturas em grande parte de crianças, adolescentes e jovens.

Em março de 1988 foi criado o Fórum Nacional Permanente de Entidades Não Governamentais de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente DCA. O Fórum se torna um dos principais interlocutores da sociedade civil junto ao Congresso Nacional para o *lobby* da inclusão dos direitos de crianças e de adolescentes na Constituinte, pós-regime militar.

Com a colaboração de um amplo movimento de defesa da criança, o Fórum DCA elabora o anteprojeto de lei - *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)* como também articula o bem-sucedido *lobby*.

Em 13 de julho de 1990, o ECA é sancionado pelo presidente da República Fernando Collor de Mello.

Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público [7] assegurar, com absoluta prioridade [8], a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária [9]. Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende [10]: a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias [11]; b) precedência do atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública [12]; 5 c) “preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas [13]; d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude [14].

Culturalmente, o conceito atribuído a infância variou muito ao longo dos tempos como também as medidas tomadas a este grupo populacional. O termo adolescência surge no século XX sendo esse chamado de “século da adolescência” (ÁRIES, 1981). Com isso grande parte dos relatos históricos desconhece a especificidade da adolescência abordando apenas o termo infância.

Áries (1981) afirma que na Grécia antiga existia, uma transição entre a fase infantil e a fase adulta o que na idade média não era possível mais se observar isso, uma vez que as crianças nesse período eram tratadas como miniadultos. A ideia de infância era, portanto muito diferente da ideia atual. No século XII crianças eram representadas em pinturas e obras de arte como homens em miniatura, com corpos e faces poucos infantis e musculatura adulta. A partir do momento em que a criança não precisava mais dos cuidados da mãe ou da ama já era incluída ao mundo dos adultos, o que não pode ser entendido como uma falta de afeição, mas sim como uma forma de socialização diferenciada da época.

A partir do século XVII nos países europeus surge a valorização da vida nas cidades e a criança passa a ter um status diferenciado sendo considerada como “distração” para a família, entretanto essa fase era curta, aproximadamente entre cinco e sete anos de idade; logo em seguida a criança era incorporada ao mundo adulto. As meninas, por exemplo, com pouca ou nenhuma educação escolar eram treinadas desde cedo a serem esposas, casando-se a partir dos 11 ou 12 anos de idade. Na idade média, era comum que após os sete anos as crianças fossem enviadas para serem aprendizes em casas estranhas, realizando tarefas domésticas e demais afazeres.

Durante a Modernidade houve uma revalorização na educação trazendo um diferencial para a infância. O projeto escolar era confundido em alguns momentos com a reforma religiosa e seus preceitos moralistas. Algumas ordens católicas também acompanhavam essas mudanças na sociedade e dedicavam-se exclusivamente à missão do ensino.

Savani (2008) distinguiu seis períodos da escola no Brasil:

- 1- de 1549 a 1759 o período dos colégios jesuítas;
- 2- de 1759 a 1827 a época das “aulas régias”, intuídas pela reforma pombalina, primeira tentativa de instaurar a escola pública, por inspiração dos ideias iluministas de acordo com o despotismo esclarecido;

- 3- de 1827 a 1890 períodos das primeiras tentativas, não contínuas, de submeter à educação ao poder público, representado pelo Império e pelos governos das províncias;
- 4- de 1890 a 1931, marcado pela instalação das escolas primárias nos estados, os grupos escolares, seguindo o ideário do iluminismo republicano;
- 5- de 1931 a 1961, em que se dá a efetivação da regulamentação, em âmbito nacional, das escolas superiores secundárias e primárias incorporando crescentemente, o ideário renovador;
- 6- de 1961 aos nossos dias, ocorre a unificação da regulamentação da educação nacional, tanto na rede pública (federal, estadual, municipal) como na rede privada. - *Lúcia Helena CavasinZabottoPulino*.

Os valores compartilhados e reforçados no contexto escolar atual não são os mesmos de alguns anos atrás, a escola que hoje tem o dever de valorizar e respeitar as diferenças não é a mesma do período colonial em que índios, os primeiros estudantes do Brasil, eram considerados selvagens. Adjetivos estes receberam também os negros africanos sendo tratados como coisas e desumanizados.

Vestiram literalmente os índios (...) e os vestiram simbolicamente de outros valores, de cultura diferente: impuseram-lhe outra língua, outro Deus, outra moral e até outra estética. (...) Para eles, civilizar os povos era fazer possível para torná-los 'melhores', por isso, desenvolveram um processo de silenciamento das culturas estranhas. (CAVASIN e ZABOTO PULINO 2015 p. 16; ARANHA, 2006, p144).

Com isso podemos afirmar que a escola não é algo estático, mas que acompanha as mudanças da sociedade mudando e sendo mudada por ela.

Segundo Brougeré (1995) antes do século XIX a brincadeira não tinha um papel significativo no processo de desenvolvimento da criança. O ato brincar, era visto como algo sem importância e a essa atividade atribuía-se apenas o conceito de recreação. Fein Spodek & Saracho 1998, coloca que não é fácil definir o conceito de brincadeira, segundo o autor, esse conceito se auto define.

Na sociedade contemporânea, só possuem valor as atividades que geram lucro... Como o jogo não é produtivo, do ponto de vista capital, ele passou a ser considerado um simples passatempo, atividade que se opõe ao trabalho. Isso fez com que ele fosse desprezado também na escola, onde trabalho, para a criança, nada mais é do que estudo... (BARBATO apud MAGNANI, 1998, p.40).

Brincar é um ato lúdico que favorece a criança a possibilidade de desenvolver suas habilidades físicas, cognitivas e sociais.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) afirma que:

...o brincar é importante já que possibilita nas relações entre as crianças, o exercício da autonomia e da cooperação, temas estes abordados, também nos Parâmetros Curriculares- Nacionais orientações didáticas.

Embora não haja, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, referências da brincadeira no processo de aprendizagem, ambos partem do mesmo referencial teórico: psicologia genética e psicologia sócio-histórica.

A declaração Universal dos Direitos da Criança, (DECLARAÇÃO... 1959) prevê que “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação: a sociedade e as autoridades públicas se esforçaram para promover os exercícios desse direito.

## OBJETIVOS DA PESQUISA

### OBJETIVO GERAL

Compreender a importância do brincar no desenvolvimento da criança a partir do momento que a brincadeira é trazida para dentro do contexto escolar.

### OBJETIVO ESPECÍFICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de constatar quais são as contribuições que as brincadeiras podem trazer as crianças dentro do espaço escolar respeitando seu direito a brincadeira.

## METODOLOGIA

Para realizar essa pesquisa utilizamos como metodologia de pesquisa qualitativa a técnica do grupo focal, o grupo focal consiste em pequenos grupos de observação organizados pelo pesquisador. O grupo focal ou grupo de discussão é uma técnica de pesquisa qualitativa, apresenta-se como uma possibilidade para compreender a construção das percepções, atitudes e representações sociais acerca de um tema específico. Os grupos focais podem ser utilizados segundo Gil (1995), como fonte principal e complementar de dados para elaborar instrumentos de pesquisa quantitativa. Os Participantes da pesquisa são crianças do Ensino Fundamental de uma escola Pública do Distrito Federal que funciona em tempo integral cursando respectivamente, entre 3º e 5º ano. As idades dos participantes variam entre 08 e 12 anos de idade.

Utilizou-se como material, caneta, papel, revista, cola tesoura e cartolina e jogos diversos. Os jogos foram distribuídos às crianças para que as mesmas o explorassem e interagissem entre si.

Em seguida foram realizadas algumas intervenções e observada as mudanças de comportamento das crianças após seus primeiros contatos com os jogos.

Criada em caráter provisório, a escola foi fundada em 1983 para atender 211 alunos em estrutura metálica com dois turnos. Em 1987 foi realizada a ampliação das instalações para 12 salas de aula; 1982 foram construídas duas quadras poliesportivas; 1996 foram realizadas a construção de mais 05 salas de aula; 2007 construção da Biblioteca Ariano Suassuna em parceria com a GasolVale ressaltar que durante esse período foi construída também a sala de recursos com o objetivo de atender crianças diagnosticadas com algum tipo de deficiência. A escola possui o maior número de estudantes em relação às demais escolas classes públicas do Distrito Federal com 1.200 estudantes o que seria praticamente quase toda demanda da comunidade.

A escola hoje conta, com 20 salas de aula, 1 sala para professores, 1 sala multiúso, 1 sala da secretaria, 1 biblioteca, 1 cozinha, 02 banheiros específicos para alunos feminino e masculino, 02 banheiros adaptados para alunos com necessidades especiais, 01 banheiro para servidores e 02 banheiros para professores masculino e feminino, 01 zeladoria, 01 sala para SOE (Serviço de Orientação Educacional), 01 sala de informática, 01 galpão para atividades do integral, 01 sala de Recursos, 01 sala de equipe

EEAA (Equipe Especializa de Apoio a Aprendizagem),01 sala de aula para coordenação infantil e um espaço para horta comunitária.

O objetivo principal da instituição é garantir a integração da comunidade em relação aos trabalhos realizados, acreditando que fortalecerá as ações coletivas contribuindo para a melhoria do ensino. Sujeito a mudanças, o PPP (Projeto Político Pedagógico) toma por base as vivências da escola hoje delineando os primeiros passos assumidos na direção da Escola que pretendem ser.

A escola classe constitui Proposta Pedagógica baseada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 0394/96, as diretrizes curriculares e nos princípios expressos no Currículo Básico do Ensino Fundamental.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Existem muitos grupos sociais que consideram a brincadeira como algo primordial para o desenvolvimento infantil. O brincar conquistou mais espaço, tanto no âmbito familiar, quanto no educacional. No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a brincadeira está colocada como um dos princípios fundamentais defendida como um direito, uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação entre as crianças. Assim é cada vez mais entendida como atividade que, além de promover o desenvolvimento global das crianças, incentiva a interação entre os pares, a resolução construtiva de conflitos e a formação de um cidadão crítico e reflexivo (*Branco 2005; DeVries,2003;DeVries& Zan,1998;Tobin,Wu & Davidosn: Vygostsk,1984,1987*).

A brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito família e continua com seus pares (KISHIMOTO, 2002, p.139.)

Grandes partes dos autores defendem que a brincadeira é desenvolvida pela criança no sentido de diversão e recreação e favorece uma interação com adultos como também uma exploração do ambiente. A brincadeira acompanha, ajusta e estrutura de acordo com a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra. Aos seis meses e aos três anos a criança apresenta uma capacidade de mobilidade e exploração diferenciada de crianças mais jovens ou mais velhas. Ao longo do desenvolvimento, portanto, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto das práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo.

A interação por meio dos jogos seja com uma pessoa adulta ou entre crianças possibilita além do prazer pela brincadeira exprimir agressividade, dominar a angústia, aumentar as experiências e estabelecer contatos sociais. Mello (1999), afirma que pela brincadeira as crianças elaboram as experiências traumáticas vividas, pois os conteúdos expressos no brincar têm relação com suas histórias. Em conformidade com estes estudos Melo e Valle (2005), em uma discussão sobre a influência do brincar no desenvolvimento infantil, acrescenta que o brinquedo proporciona a exteriorização de medos e angustias e atua como uma válvula de escape para as emoções.

Segundo Vigotski processo de desenvolvimento da criança se dá na relação com pais, familiares, pares e professores. Durante esse processo ocorre à aquisição de

símbolos e signos culturalmente construídos, cujo aprendizado é mediado pelo outro. O papel do ambiente social no desenvolvimento infantil ocorre por meio do conceito de Zona de desenvolvimento Proximal. Existe um nível de desenvolvimento real e um nível de desenvolvimento potencial. No primeiro o ciclo de desenvolvimento já é completo, a criança já tem autonomia para realizar uma atividade sozinha, no segundo esse processo está em andamento, a criança consegue realizar a atividade, porém com a ajuda de um mediador. Zona de Desenvolvimento Proximal é essa distância entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial, criada na **interação** entre a criança e o agente social mediador da aprendizagem.

Piaget (apud FREITAS e ASSIS 2006) dividiu o desenvolvimento cognitivo em quatro fases, em que cada uma delas define o momento em que as estruturas cognitivas da criança são construídas:

- Fase sensório-motora de 0 a 2 anos;
- Fase pré-operatória de 2 a 7 anos;
- Fase operações concretas de 7 a 11 anos
- Fase de operações formais de 11 anos em diante.

A fase sensório motora vai do nascimento a aproximadamente os dois anos.

Nela esperasse que o bebê apresenta reflexos e capacidade inatos de adaptação, constrói-se aqui a noção de “eu” se diferenciando do seu meio e explorando e descobrindo seu próprio corpo.

A fase pré-operatória começa aos dois anos e finaliza aos sete, aqui a criança representa nas brincadeiras muito daquilo que vivência em seu dia a dia, nessa fase surge um comportamento egocêntrico e a criança tem dificuldades em se colocar no lugar do outro.

A fase das operações concretas iniciasse aos sete anos, onde a criança começa a conseguir diferenciar o real do imaginário passa a ter um pensamento mais lógico com percepções mais precisas.

Na fase das operações formais a criança é capaz de raciocinar além do momento presente, trabalhando com as hipóteses permitindo que seu pensamento seja estendido.

Wallon afirma que o desenvolvimento humano é dividido em sete fases são elas:

- Período de vida intrauterina
- Estágio Impulsivo
- Estágio Emocional
- Sensório Motor
- Período do Personalismo
- Período da Puberdade e Adolescência
- Período da Fase Adulta

No Período de vida Intra Uterina a criança é totalmente dependente do organismo biológico materno sem deixar de estar presente no meio social através de seus movimentos.

Na fase de Estágio Impulsivo tornasse de fundamental importância a atenção para um melhor desenvolvimento psíquico, físico. Podendo acarretar prejuízos a funções orgânicas caso essa atenção não seja dada. É o período das necessidades posturais e alimentares

O Estágio Emocional ocorre por volta dos seis meses à criança apresenta a capacidade de expressar muitas emoções como raiva, dor, tristeza e alegria. O autor afirma que é nessa fase que se confirma a importância em se conversar desde cedo com a criança para que a mesma desde cedo aprenda a usar suas emoções para se comunicar com o meio social.

No período Sensório Motor a criança explora o ambiente por meio do tato e paladar exigindo maiores cuidados daqueles que a cercam.

Período do Personalismo a criança passa a assumir suas necessidades com um maior senso crítico em busca de independência sem deixar de sentir necessidade de atenção dos pais ou responsáveis.

O Período da puberdade e adolescência vai dos 06 aos 12 anos de idade a criança apresenta novamente um comportamento egocêntrico, onde a escola se destaca, pois será nela que as relações pessoais estarão mais presente.

Período da fase adulta o desenvolvimento do sujeito nesse período não fica estático e sua vida emocional e intelectual permanece em constante transformação e mudança.

Partindo desses apontamentos é possível observar, qual seria a importância do brincar dentro do espaço escolar como ferramenta que auxiliara a criança em seu processo de desenvolvimento e socialização.

Após o nascimento a criança inicia o processo de socialização e tem contato com novas culturas, com o avanço da tecnologia ocorreu uma mudança no processo de socialização infantil como também um maior acesso a informações como também ocorreram novas formas de construções familiares.

A escola traz consigo um papel muito importante no processo de socialização da criança já que será o “determinante” para o desenvolvimento e para o curso posterior de sua vida. Nesse processo a criança inicia um novo envolvimento com a sociedade diferente do seio familiar. Surgem novos modelos de aprendizagem e a inserção de princípios que permeiam a sociedade. Agentes sociais participam direta e indiretamente nesse novo processo de socialização. Entre esses agentes estão os pais ou responsáveis, meios de comunicação, escola e os professores. Mediante esses aspectos podemos concluir que o processo de socialização é uma interação entre a criança e o seu meio, seus resultados dependerão de características da criança e da forma de agir dos agentes sociais. (Coll, 1999; Palácios 1995).

A relação com o outro não se caracteriza por uma passividade da criança, pois esta se coloca como ativa em seus relacionamentos, numa relação de troca com o outro, sendo, assim, ”o outro do outro. Dessa forma, o outro, tanto adulto como jovens e outras crianças, também se constituem e se modificam no contato com a criança a quem apresentam o mundo educam, da mesma forma que o próprio mundo vai se modificando a partir dessas relações. E a criança acolhe o mundo já constituído por significações históricas e culturais, como valores, idéias, práticas, de que ela se apropria de maneira original e pessoal, ainda que contextualizada em um campo de significações disponíveis na cultura. “Esse processo de sobrevivência e socialização, dessa forma, caracteriza-se por um movimento, em que se

transformam a criança, as pessoas com quem ela se relaciona e o mundo e a cultura em questão.(CAVASIN e PULINO, 2015, p.05)

Palácios (1995) afirma que a socialização ocorre por meio de três processos: processos mentais de socialização que diz respeito ao conhecimento de valores, normas, costumes, pessoas, instituições, aprendizagem, linguagem e a aquisição de conhecimentos transmitidos através da escola. O segundo Processo é o afetivo de socialização que refere-se a empatia, o apego e a amizade. O terceiro e último são as condutas de socialização envolvem a aquisição de condutas aceitas socialmente evitando aquelas ditas como antissociais.

As crianças aprendem a se comportar conforme os valores que regem a sociedade. Essa conduta só ocorre a partir do momento em que esses valores são interiorizados.

E com isso pode-se perceber que as atitudes são baseadas em valores adquiridos conforme o contexto em que estão inseridos (Coll, 1999; Palácio, 1995).

A maneira como a criança lida com regras, justiça e moral variará no decorrer do processo de desenvolvimento.

Piaget traz cinco apontamentos sobre atitudes morais são eles:

- 1) O desenvolvimento moral baseado na aceitação, na competência, no amor-próprio ou na realização pessoal;
- 2) O desenvolvimento moral é universal sob o ponto de vista cultural, porque todas as culturas têm em comum certas fontes de interação social, adoção de papéis e conflito social que exigem uma integração moral;
- 3) As normas e os princípios morais básicos nascem das experiências de interação social;
- 4) O que caracteriza cada estágio não é a interiorização das regras já elaboradas externamente pela criança e sim um certo nível estrutural de raciocínio moral surgido no sistema cognitivo da criança e fruto de sua interação com os demais;
- 5) As influências do meio sobre o desenvolvimento moral são definidas pela extensão e qualidade geral dos estímulos cognitivos e sociais ao longo do desenvolvimento da criança. (Piaget 1994).

Segundo Piaget, aos 7 anos a criança em período escolar passa por dois processos de evoluções – Heteronomia: fase em que a obediência à lei é toda moral em seus fundamentos. A criança obedece sem uma análise crítica da pessoa ou da situação, quanto que na Autonomia, a obediência faz parte não apenas de padrões dos

comportamentos como também passa a ser recíproca. É na convivência com os iguais que as crianças percebem que é necessária a reciprocidade para agir conforme as regras, considerando que as regras são efetivas se as pessoas concordarem em aceitá-las. Regras estas que só foram aceitas por convenções entre indivíduos e por isso podem ser modificadas (Piaget 1944).

Para Piaget, o desenvolvimento da criança em direção à moral autônoma se dá porque, nela o sujeito investe sua personalidade e sua identidade enquanto na moral heterônima, a moral permanece superficial e periférica à consciência (Demo; La Taille & Hoffmann, 2001).

## AÇÕES INTERVENTIVAS

Tendo em vista que o brincar não tem como objetivo único a recreação, mas também possibilita novas formas de aprendizagem ajudando em seu processo de desenvolvimento cognitivo como também na relação entre seus pares serão analisadas algumas demandas percebidas durante o período integral destacando o processo de mudança em relação ao comportamento dos alunos participantes.

Os encontros foram realizados em um espaço destinado para receber as crianças que ficariam no Integral antes de irem para a sala de aula em horários invertidos. Em meus primeiros encontros percebi que não havia muitas atividades programadas para as crianças que ficavam naquele local durante o período estabelecido pela secretaria. Pude perceber que as crianças apresentavam comportamentos extremamente agressivos, como também, baixa concentração. Foi observado que algumas crianças apresentavam dificuldades de aprendizagem, desinteresse, dificuldades psicomotoras e nas atividades e indisciplina.

Na escola não havia jogos ou atividades de interação. Criei um ambiente lúdico onde os jogos e as brincadeiras favoreceu as crianças, a oportunidade de experimentar e vivenciar uma nova forma de aprender.

O primeiro jogo que levei para as crianças foi o jogo da memória. Dividi o número de crianças em grupos de quatro. No primeiro contato com estes brinquedos percebi que muitas nunca tinham brincado com os mesmos, sendo necessário explicar as regras do jogo.

Algumas crianças apresentaram resistência e desinteresse aos jogos. Pareciam desmotivados, pois a única motivação era jogar bola, algo que era corriqueiro em termos de brincadeira naquele contexto escolar. Dando continuação ao jogo, pedi que as crianças sentassem em círculo e propus a minha participação no jogo. A mediada em que compreendiam o jogo sentiam-se entusiasmadas e demonstravam maior interesse pela brincadeira.

As crianças demonstravam também dificuldade em zelar pelos jogos, com isso fiz um acordo em que cada grupo ficaria responsável por guardar corretamente o jogo no local destinado.

Novos jogos foram inseridos no espaço e conseqüentemente novas demandas também foram observadas e trabalhadas.

Separei um grupo de adolescentes para que jogássemos Banco Imobiliário. Percebi que algumas crianças apresentavam dificuldades com lateralidade. As maiorias dos alunos nunca tiveram contato com o jogo. Apresentavam dificuldades em contar e separar as cédulas, como também dificuldade em movimentar os pinos no tabuleiro. Foi percebido também, que os alunos com mais facilidade em compreender as regras dos jogos ajudavam aos que apresentavam mais dificuldades. No início as crianças tinham que ser mais direcionadas quanto, as condutas das regras dos jogos e a boa manutenção dos mesmos. Com o tempo as crianças passaram a ter mais autonomia e já não apresentavam tanta resistência aos jogos.

Entende que nas etapas do desenvolvimento da criança pode-se evidenciar as atividades implorativas das quais a criança busca tirar proveito de todos os efeitos possíveis. Progressivamente, os jogos atestam o aparecimento das mais variadas funções e experiências, como as sensoriais, as de socialização, de memorização, de articulação e de enumeração. (Wallon 1941|1968)

Outro apontamento relevante em relação aos jogos de tabuleiro foi o WAR (Jogo de estratégia que consiste em conquistar territórios ou destruir exércitos espalhados pelo globo terrestre). Durante o jogo, a aluna M. perguntou por que um exército localizado em um país da Ásia poderia atacar um país localizado na América do Norte, já que uma das regras do jogo estabelece que os ataques entre países só pode acontecer em territórios que fazem territorialidade. Expliquei para as crianças, qual seria a lógica do jogo em “atacar” países localizados em pontos geográficos totalmente diferentes. Essa possibilidade só existe porque o planeta terra é redondo e no jogo o Mapa Múndi está representado em um mapa plano gráfico. No dia seguinte quando jogávamos em grupo a aluna D, surge com a mesma dúvida. Neste momento a aluna M., explica para a aluna D. com base na explicação que recebeu anteriormente. Essa experiência mostra que as dificuldades que emergem durante jogos e brincadeiras trazem contribuições para a criança e demais participantes em vários aspectos e as auxiliam nas formas de lidar com as problemáticas do mundo e também com as frustrações.

Segundo Piaget, Relações de Cooperação são aquelas que promovem o desenvolvimento devido à participação de duas ou mais pessoas, trata-se de uma relação interindividual com o mais alto nível de socialização.

Para Piaget:

Quando eu discuto e procuro sinceramente compreender outrem, comprometo-me não somente a não me contradizer, a não jogar com as palavras etc., mas ainda comprometo-me a entrar numa série indefinida de pontos de vista que não são os meus. A cooperação não é, portanto, um sistema de equilíbrio, estático como ocorre no regime da coação. É um equilíbrio móvel. Os compromissos que assumo em relação á coação podem ser penosos, mas sei aonde me levam. Aqueles que assumem em relação á cooperação me levam não sei aonde. Eles são formais e não materiais. (YVES DE LA TAILLE, MARTA KOHL & HELOYSA DANTAS 1992. p.59 )

O jogo, na ótica de Vygotsky, contribui para a potencialização da Zona de Desenvolvimento Proximal. Vygotsky explicitou mais em sua obra o jogo de papéis, que é a brincadeira de faz de conta. A criança só o faz quando já é capaz de representar simbolicamente, pois quer satisfazer seus desejos, assim cria uma situação imaginária para imitar o adulto. Mesmo não apresentando suas regras de forma explicita como nos demais jogos e brincadeiras suas regras serão manifestas a partir do momento em que “a criança imaginar-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal” (VYGOTSKY, 1998: 124)

Um das demandas observadas foram às dificuldades que algumas crianças apresentaram em mover os pinos no tabuleiro. Algumas crianças apresentaram dificuldades com direcionamento (direita, esquerda, para frente e para trás). Percebi que seria necessário um trabalho em que as crianças pudessem vivenciar essa mobilidade com o próprio corpo. Foi então que sugeri o jogo Amarelinha e em seguida tentamos o jogo no tabuleiro. A intenção foi alcançada com sucesso, pois as crianças não mais apresentaram as dificuldades acima mencionadas. As atividades lúdicas contribuem não só no bom relacionamento entre os pares, como também na maturidade emocional, e nas habilidades motoras despertando assim, um comportamento sadio.

As brincadeiras e os jogos influenciam de maneira direta e indireta no desenvolvimento das crianças impulsionando uma formação motora e cognitiva, preparando-as para a vida adulta. Devido algumas circunstâncias que surgem durante a brincadeira. Os jogos além de estimular a criatividade, imaginação, cooperação, a expressividade, também contribui no papel do cidadão no contexto de sociabilidades.

FROBEL (APUD ALMEIDA 2000) acreditava nos métodos lúdicos da educação. Ele dizia que o educador faz do jogo um instrumento para promover a educação para crianças, e também é uma forma de conduzir a criança à atividade, auto-expressão e a socialização.(FROBEL (APUD ALMEIDA 2000)

Outros jogos trabalhados nessa mesma linha de raciocínio foram Escravos de Jó Concentração. No primeiro jogo, os jogadores sentam em círculo, cada um com um objeto que será passado de um integrante para outro. No segundo jogo, inicia-se com um comando entre ritmos de palmas onde é mencionado um número correspondente a um jogador. Em seguida o jogador, por sua vez, canta seu número. Quem errar o seu número sairá da roda. Assim segue com a lógica da brincadeira, onde os jogadores devem ficar atentos ao seu número e não repetir um número que já tenha saído da roda.

Rousseau (Apud Almeida 2000) diz que a criança tem seu jeito próprio de pensar, sentir, e ver, e que a criança só aprende de maneira através de tarefas, e também exercitando os sentidos, pois eles são instrumentos de inteligência.”

Os jogos de dominó inicialmente eram de imagens, pois as crianças tinham dificuldade em brincar com aqueles representados por cores, multiplicação, divisão, adição e subtração. Essas dificuldades foram sanadas a medida em que as crianças passaram a vivenciar as diferentes formas do jogo:

... Vigotsky (1984) e Leontiev (1988) concordam que os sentidos não são construídos no decorrer da brincadeira. Muitas vezes, as crianças retêm o significado do objeto (suas propriedades e os modos de uso compartilhados por todos), mas dão outro sentido, ou vários sentidos durante a brincadeira. É pelo brinquedo que a criança aprende a agir cognitivamente. (VIGOTSKY 1984 E LEONTIEV 1988)

Em um momento distribuí para as crianças cartazes para que as mesmas criassem seu cartaz dos sonhos com fotos tiradas de revistas. Pedi que colocasse neles quais os sonhos que teriam para seu futuro: profissão, casamento, filhos, sendo tudo de acordo com os seus ideais. No decorrer das atividades algumas crianças exploram pouco ou quase nada do cartaz que lhes fora entregue. Poucas gravuras das revistas eram colocadas ou quase nada era escrito. Perguntei as crianças se elas não teriam mais gravuras além das selecionadas por elas. Algumas ficaram tímidas com minha pergunta e com isso pude perceber certa resistência na atividade proposta. Foi então que me sentei com elas e mostrando outras gravuras das revistas propus que ficassem à vontade para escolherem as gravuras que representassem o seu sonho e que montassem o cartaz

conforme os seus próprios ideais. Afastei-me com a intenção de deixá-las maistranquilas. Quando voltei percebi que havia não só mais gravuras em seus cartazes como também mais cores com pedaços diversos papéis coloridos e mais palavras referentes aos seus sonhos.

Nesse processo, o ensinar e o aprender, o professor e o aluno, não são elementos separados, mas se articulam no que Vygotsky (1991) chama de aprendizado, que envolve as relações professor-aluno e que se relaciona com o desenvolvimento da pessoa. O professor não é o detentor do conhecimento, mas um mediador, que introduz, formalmente, os alunos às produções culturais, a uma nova linguagem- a científica, a filosófica, a artística- a um novo campo de práticas, valores, teorias, para além do cotidiano e do senso comum, refazendo com eles o caminho da produção histórica da arte e do saber teórico-prático, das ciências e da tecnologia. Os alunos internalizam esse conjunto de símbolos da cultura, construindo conhecimento e se construindo como sujeitos. Juntos, cada um no seu papel, apropriam-se, ativamente, desse legado das gerações passadas e o (re)constróem, contextualizando-o à sua realidade atribuindo-lhe um sentido pessoal.(Diversidade Cultural singularidade e processos de desenvolvimento e aprendizagem Ano 2015.p 09.)

Outro apontamento importante foi alguns jogos que trazem maior mobilidade física como o TWISTTER e o Tapa Certo. Esses jogos tiveram maior receptividade e nenhuma resistência por parte das crianças em relação aos demais jogos.

O desenvolvimento cognitivo não pode ser confundido como aprendizado. O desenvolvimento é espontâneo e biológico. Já a aprendizagem é um processo causado por situações específicas, a exemplo, a frequência na escola. (Revista Digital- Buenos Aires Ano 14 números 37 Outubro de 2009 p.03)

A maneira como a criança responde aos jogos pode, de alguma maneira, determinar a fase de desenvolvimento que esta se encontra, por isso crianças que apresentam uma maior disponibilidade em brincar com jogos que exijam mobilidade física e um menor raciocínio podem ainda estar na fase sensorio motor.

O indivíduo reage às situações conforme suas condições e suas possibilidades, de acordo com um tipo de comportamento próprio daquela etapa. A passagem de uma etapa a outra não constitui uma ampliação, mas sim um remanejamento, o surgimento de algo novo, provocado pelas crises e pelos conflitos que pontuam o crescimento. Essa visão recusa a fragmentação e baseia-se na noção de globalidade, de compreensão do todo, num processo dinâmico. (REGINA LUCIA SUCUPIRA PEDROZA Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

A partir de observações com crianças dentro do contexto escolar (escola em período integral) foi possível perceber baixa concentração, dificuldades para concluir as atividades escolares, agitação, indisciplina e desinteresse nas atividades que eram propostas. Analisar essas condutas implica em uma visão muito mais ampla do que apenas observar o comportamento da criança em da sala de aula.

Durante os horários programados para o auxílio nos deveres de casa, pode-se perceber a defasagem que as crianças demonstravam com relação aos conteúdos. A intervenção foi trabalhada com o objetivo de sanar as dificuldades de aprendizagem como também promover a socialização. Os jogos e as brincadeiras foram ferramentas utilizadas nesse processo de intervenção. Na medida em que os jogos ganharam espaço nesse contexto escolar, pode-se perceber as mudanças significativas no comportamento das crianças.

Tendo em vista todos esses apontamentos podemos concluir que a inserção da brincadeira dentro do espaço escolar é de direito da criança, como também tem uma fundamental importância para o seu desenvolvimento, pois, o indivíduo é produto e produtor de sentimentos e significados ao no decorrer da sua formação como pessoa. Foi possível observar consideráveis avanços no comportamento das crianças como: cooperação em relação a manutenção e organização do espaço utilizado para os jogos e brincadeiras; maior concentração não apenas nesses momentos lúdicos, como também nas demais atividades escolares; menos agressividade nos momentos de interação com os colegas e monitores.

A brincadeira permite aos seus participantes, vivências que irão conduzi-los á novas formas de ação e assim perceber sua maneira de ser e agir nas mais diversas situações. Permite também a possibilidade de reproduzir momentos e interações importantes de sua vida como também permite criar e imaginar.

Ainda que a brincadeira seja vista como algo apenas recreativo e que em nada contribuí para o processo de formação e desenvolvimento da criança, a escola pode utilizá-la uma vez que muitos estudos apontam suas contribuições na formação do sujeito e de sua personalidade no momento lúdico.

As modificações que, durante aos anos escolares, produzem-se no conhecimento social das crianças, afetam o modo como elas compreendem as características dos outros e de si mesmas, bem como as concepções das

relações que as vinculam e sua representação das instituições e sistemas sociais em que estão mergulhadas. Neste sentido, a entrada e o percurso pelo âmbito escolar vão constituir para a criança um acúmulo de experiências ricas e interessantes, pois a escola é um microcosmo da sociedade. No meio escolar, a criança se relaciona com muitas pessoas, com diferentes graus de conhecimento com as quais estabelece relações diversas, sendo, além disso, um âmbito que, em si mesmo, constitui um sistema social, com normas e funcionamento alheios à criança, mas nos quais esta é mergulhada e deve ir compreendendo -Palacios 1995- ( JULIANE CALLEGARO BORSA, 2007, p.03)

É possível pensar então que o espaço escolar deve acompanhar o processo de desenvolvimento em que a criança se encontra proporcionando situações que a auxiliem a se tornar um ser pensante crítico, capaz de contribuir produtivamente em os demais ambientes que fará parte.

Charlotte2006 afirma que o contexto escolar formado por crianças, adolescentes e demais pessoas deve ser pensado em um ambiente de democratização da comunidade, e que esteja voltada para os processos de subjetivação, socialização e formação cidadã e do cidadão. Todos os que participam dessa comunidade devem ser incluídos gerando uma maior produtividade e crescimento do meio.

As opiniões devem ser valorizadas a ponto de todos os cidadãos dessa comunidade se sentirem sujeitos ativos, participantes e contribuintes promovendo um espaço de acolhimento a esses sujeitos de direitos.

Segundo Arendt a educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente, através do nascimento, da vinda de novos seres humanos “(p.234), sendo que esses recém chegados não estão acabados. O mundo existia antes da criança, nele transcorrer a vida dela e eles continuar a existir depois da morte dela. Educar, assim, é um ato de acolhimento, de cuidado. Educação faz parte do desenvolvimento do ser humano, que, por sua incompletude, não nasce preparado para viver de forma autônoma, necessitando do outro, de um humano mais experiente e desenvolvido que possa provê-lo de alimentação, conforto, segurança, proteção. (HELENA CAVASIN ZABOTTO SILVIANE BARBATO Aprendizagem e prática do professor)

Em relação à indisciplina apresentada no comportamento das crianças busquei uma observação mais clínica na tentativa de identificar sob quais aspectos e ou circunstâncias esses comportamentos surgiram e se os mesmos foram classificados da maneira correta. Mesmo porque ainda hoje o conceito da palavra indisciplina e disciplina ainda não estão definidos o que dificulta ainda mais trabalhar com eles e utilizar abordagens psicológicas que sejam eficientes para serem trabalhadas em sala de aula.

Busquei desenvolver atividades que acompanhassem não somente a idade cronológica das crianças como também a fase de desenvolvimento em que essas se encontravam, já que durante os encontros foi possível notar algum tipo de atraso seja nos aspectos motores, cognitivo, social e dentre outros. Nesses casos me preocupei em analisar se o desinteresse era fruto de alguns desses fatores mencionados ou se as abordagens por mim utilizadas não eram equiparadas ao que a situação me pedia.

Dentro do contexto escolar a indisciplina é definida como algo ruim, sinal de rebeldia, uma incapacidade que o aluno temem se adaptar as normas e padrões que não só a escola determina como também todos os outros segmentos do ensino e da sociedade.

É dentro da escola que a criança internalizará as funções das regras e leis que regem na sociedade, encontrando não só seu sentido como também sendo crítico em relação a elas.

Precisamos desconstruir muitos valores que foram criados a respeito da indisciplina, que antes era encarada como algo perturbador dentro da sala de aula, por exemplo, inquietação, muita conversa durante as atividades dentre outros.

Devemos passar a nos referir a indisciplina a comportamentos relacionados a falta de limites, não respeitar os sentimentos e opiniões alheias dificuldades de auto controle dentre outros (no sentido expresso por Vygotsky,1984), que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares.

É por meio dessa análise que podemos considerar a relevância que tem os jogos dentro do contexto escolar, pois através de experiências lúdica com regras as crianças passam á compreender a importância das regras e o respeito ao próximo.

Precisamos encarar o comportamento indisciplinado não apenas relacionado ao convívio familiar da criança, ou como algo que está relacionado á traços de personalidades exclusivos da criança.

“... a culpa que geralmente é atribuída ao aluno, entendido como portador de defeitos ou qualidades morais e psíquicas definidas independentemente da escola (Patto,1993) ou á sua família,passa a ser do professor.”

Quando partimos desse ponto de vista damos ao professor não só a responsabilidade pela indisciplina, devido a sua falta de pulso, como também quais didáticas têm sido usadas para que tal fenômeno não surja.

Nem é preciso ressaltar que, neste caso, a disciplina é sinônimo de ordem, submissão e respeito à hierarquia, e a ideia de autoridade com autoritarismo (DAVIS:LUNA,1991).

O fato de uma criança conviver em uma estrutura familiar cujas correções e orientações são disfuncionais não impede a possibilidade de uma superação caso seja inserido no contexto escolar com um modelo diferente de educação.

A escola traz para a criança experiências diferente do seu meio familiar proporcionando novas convivências com o potencial de gerar e desencadear novos processos de desenvolvimento e comportamento.

A escola deve propiciar condições que facilitem e ajudem a criança a interiorizar esses novos valores desenvolvendo mecanismos de controle reguladores de sua conduta.

As exigências que esta escola prestará e esses alunos devem estar de acordo com as possibilidades destes em atendê-las lembrando sempre do primeiro contato social que estas tiveram o seu meio familiar.

Nesse sentido, o papel mediador do professor é de fundamental importância. Uma prática baseada nestes princípios terá com certeza um efeito extremamente educativo: nas situações que necessitar as crianças e adolescentes saberão avaliar e tomar decisões por si só. É através da imitação dos modelos externos que a criança aprende (VYGOTSKY, 1984).

Com isso pude concluir que a inserção da brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento de crianças e adolescentes uma vez que abre novas possibilidades de se trabalhar dificuldades de aprendizagem ou comportamentos disfuncionais. A brincadeira é uma forma de comunicação que a criança utiliza para externalizar e expressar sua maneira de ver e perceber o mundo que a cerca.

Um espaço onde a brincadeira é acompanhada de forma democrática onde suas demandas são atendidas e percebidas possibilita a socialização da criança seus pares e adultos gerando o desenvolvimento cognitivo, emocional e moral estimulando seus potenciais e criatividade imaginações tornando-as mais humanas, e sensíveis não só as suas necessidades como também de outras pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base os objetivos dessa pesquisa de gerar um ambiente sadio e democrático onde fosse possível observar a relação e as contribuições que existem entre o ato de brincar utilizando jogos e o desenvolvimento de crianças e adolescentes respeitando seu direito a brincadeira dentro do espaço escolar o trabalho atendeu as expectativas com retornos bastante positivos.

Uma das limitações por mim observada foi trabalhar com jogos que envolvessem uma melhor leitura ou uma maior interpretação com crianças que apresentaram algum atraso escolar.

Seria necessário trabalhar jogos que atendessem essa demanda inicial para em seguida inserir os jogos que inicialmente eles apresentaram as dificuldades ou resistência.

Durante os atendimentos muitos comportamentos emergiram por parte das crianças: agressividade, desinteresse, pouca ou nenhuma exploração dos jogos e brincadeiras. Com isso foi necessário criar estratégias que as motivassem a permanecer mais tempo com os jogos, dentre essas estratégias foi jogar as partidas com as crianças e sempre que alguma compreendia alguma regra do jogo ou criava estratégias para vencê-lo eu as parabenizava, o que com o tempo gerava um maior interesse não só pelo jogo do momento como também pelos demais jogos disponíveis no espaço. Outro ponto relevante a ser mencionado foi que os episódios com agressões físicas ou verbais que eram quase que diários, atualmente se extinguiram se tornando casos isolados o que mais uma vez comprova os benefícios dos jogos e brincadeiras dentro do espaço escolar já que os mesmos auxiliam na mediação de conflitos no momento que são explorados.

Esta pesquisa foi de fundamental importância para o curso de direitos humanos em educação já que pude compreender melhor a importância do brincar para o contexto escolar e seus ganhos para o convívio entre alunos e educadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCISCHINI, OLIVERIA, Rosângela Francischini, Indira Caldas Cunha de Oliveira, **A importância da brincadeira: o discurso de crianças trabalhadoras e não trabalhadoras Psicologia: Teoria e Prática**, Núcleo de Estudos Socioculturais da Infância e Adolescência, Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFRN/UFR Rio Grande do Norte 2003,5.

CORDAZZO, VIEIRA, Sheila Tatiana Cordazzo, Mauro Luís Vieira, **A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento**, Estudos e Pesquisa em Psicologia, URJ, Ano 7 Rio de Janeiro 2007.

MARIA LUIZA MARCÍLIO. **A lenta construção dos direitos da criança Século XX-** Revista USP 37:46-57 1 São Paulo, MAIO 1998.

DRAGO RODRIGUES, Rogério Drago, Paulo da Silva Rodrigues, **Contribuições de Vygostsky para o Desenvolvimento da criança no Processo Educativo: Algumas Reflexões**, Revista FACEVV, Vila Velha, número 03, 2009.

QUEIROS, MACIEL, BRANCO, Norma Lúcia de Queiroz, Diva Albuquerque Maciel, Angela Uchôa Branco, **Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: Um olhar Sociocultural Construtivista**, Paidéia, 2006,16(34), 169-179.

CARVALHO, ALVES, GOMES, Allyson Massote de Carvalho, Maria Michelle Fernandes Alves, Priscila de Lara Domingues Gomes, **Brincar e Educação: Concepções e Possibilidades - Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10 n.2 p.217-226, mai ago.2005.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROLIM, GUERRA, TASSIGYNNI, Amanda Alencar Machado Rolim, Siena Sales Freitas Guerra, Mônica Mota Tassigynni - **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil**, Re. Humanidades, Fortaleza, v.23, n 2, p.176-180,jul dez.2008.

CORDAZZO, VIEIRA, Scheila Tatiana Duarte Cordazzo, Mauro Luís Vieira - **Caracterização de Brincadeiras de Crianças em Idade Escolar, Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21(3), 365-373 Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, 2008.

ALESSANDRA ARCE - **O Jogo e o Desenvolvimento Infantil na Teoria da Atividade e no Pensamento Educacional DE FRIEDRICH FROEBEL**, Cad.Cedes,Campinas,vol.24,n.62 p. 9-25 ,abril de 2004.

ANA MARIA MONTE COELHO FROTA- **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção, Estudo e Pesquisa em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 7, N.1,1º semestre de 2007. Salto para o futuro – Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas. 2ª edição  
Secretaria de Educação à distância – Ministério da Educação.

REGINA LÚCIA SUCUPIRA PEDROZA - **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar**, Revista do Departamento de Psicologia, 2005.

TAILLE, KOHL DE OLIVEIRA, DANTAS, Yves De La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas - **Teorias Psicogenéticas em Discussão Piaget, Vygotsky e Wallon**, São Paulo, Summus Editorial,1992.

PULINO, BARBATO, OLIVEIRA, PEDROZA, Lúcia Helena CavasinZabottoPulino, Silviane Barbato, Maria Claudia Santos Lopes de Oliveira, Regina Lucia Sucupira Pedroza - **Aprendizagem prática do professor**, Ed. Moderna Formação N°040 Brasília, 2001

OLIVEIRA, PEDROZA, Maria Claudia Santos Lopes de Oliveira, Regina Lucia Sucupira Pedroza- **Relações Interpessoais: Abordagem psicológica, Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação**. Brasília, 2006

ASSIS, SILVEIRA, BARCINSKI, SANTOS, Simone Gonçalves de Assis, Liane Maria Braga da Silveira, Mariana Barcinski, Benedito Rodrigues dos Santos- **Teoria e Prática Dos Conselhos Tutelares Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Ed. FIOCRUZ Rio de Janeiro Dezembro de 2010.

PULINO, SOARES, Lucia Helena CavasinZabotoPulino, Silvia Lúcia Soares, **Diversidade Cultural, singularidade e processos de desenvolvimento e aprendizagem**, Brasília 2015.

PULINO, COSTA, SOARES, Lúcia Helena CavasinZabottoPulino, CleriaBotello da Costa, Silvia Lúcia Soares, **Tornar-se humano e dos Direitos Humanos** - Educar pela cidadania, na perspectiva da Educação em e para os Direitos Humanos, Brasília 2015.

LUCIA HELENA CAVASIN ZABOTTO PULINO- **DiversidadeCultural e Ambiente Escolar**, Brasília 2015.

Revista Digital- Buenos Aries Ano 14 numero 37 Outubro de 2009

MARELENE MIGUEL- UNIVILLE - **A Importância de um Espaço Lúdico no Desenvolvimento Infantil** ALMEIDA, Paulo Nunes de Educação Lúdica: Técnicas e jogos pedagógicos. 5ed .São Paulo:Loyola,1994.

CARVALHO, CASTRO, ORLANDO, Márcia Franco de Carvalho, Marcia Siqueira de Castro, EllensKarolaine Teixeira Orlando - **A importância do jogo no desenvolvimento da criança**, Cefapro, Mato Grosso, 2013.

JUNIOR, SOUZA, José Geraldo de Sousa Junior, Nair Heloisa Bicalho de Sousa - **Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos**: problemas históricos, conceituais e de aplicação, Brasília 2015

JULIO GROPPA AQUINO, **Indisciplina na Escola**, São Paulo, SummusEditorial, 1996.

JORGE LARROSA, **Pedagogia Profana-Danças, piruetas e mascaradas**, Belo Horizonte, Editora Autentica, 2004.